

Homilia da Missa da Peregrinação Aniversária de julho de 2018



Homilias e Mensagens

www.fatima.pt/documentacao

Homilia da Missa da Peregrinação
Aniversária de julho de 2018, por D.
António Azevedo.

Recinto de Oração
13 de julho de 2018

† D. António Azevedo

«Apareceu no céu uma mulher revestida de sol com a lua debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça». Este é o sinal grandioso anunciado na visão de S. João no livro do Apocalipse. Sinal que aponta para a realização definitiva e última da salvação por Jesus Cristo, o verdadeiro Cordeiro, com a vitória sobre o mal. Esta «mulher vestida de sol» é um grande ícone da esperança da humanidade. Uma esperança latente desde as origens, quando segundo o relato do Génesis, Deus promete que o calcanhar da mulher haveria de esmagar a cabeça da serpente. Maria é a mãe solícita, a mulher sempre ocupada em que as esperanças humanas não fracassem mas encontrem a sua plena realização segundo a vontade de Deus.

Os santos pastorinhos deixaram-nos a bela descrição da «senhora vestida de branco, mais brilhante que o sol e aspergindo luz». Aquela mesma senhora que precisamente nas aparições de 13 de Julho, depois da visão terrível do inferno proclama a vitória do seu imaculado coração. Desta forma Fátima apresenta-se no nosso tempo, como «uma janela de esperança que Deus abre quando o homem lhe fecha a porta» (Cardeal Ratzinger). E se nos últimos cem anos tem irradiado de Fátima um manto de luz, como nos dizia há um ano neste santuário o Papa Francisco, de Fátima tem partido igualmente uma forte onda de esperança que tem animado muitas vidas.

Deus abre à humanidade uma janela de esperança. Ela é necessária quando tomamos mais consciência e sentimos a força do mal e os seus efeitos dramáticos. No relato do Génesis escutamos como a desobediência e o pecado precipitaram tantas consequências nefastas para os nossos primeiros pais e para toda a humanidade futura. Mas percebemos também como, apesar deste voltar de costas, desta infidelidade do homem, Deus deixou aberta uma janela de esperança. Diante do rosto do mal no nosso tempo, tenha ele o nome de guerra ou terrorismo, violência ou exclusão,

abandono ou solidão, injustiça ou corrupção, precisamos de ter esperança. Face às subtilezas ou argúcias do maligno, defronte a dimensão do mal e das suas consequências trágicas, ousemos ter esperança. Num presente cheio de incertezas e de um futuro com algumas sombras, precisamos de ter esperança, de sonhar e de acreditar. Não podemos cair na resignação, na indiferença ou na banalização do mal, nem remeter ao individualismo ou comodismo fáceis. Não queiramos ser uma «esperança abortada» (Papa Francisco) nem hipotequemos, como aconteceu tantas vezes no último século, as nossas esperanças em utopias ilusórias ou messianismos equivocados.

Para a humanidade, a janela de esperança abriu-se de para em par com Aquele que Maria deu ao mundo, Jesus Cristo. Ele é a esperança viva, o sinal maior da novidade de Deus capaz de transformar as histórias humanas.

Nas bodas em Caná a presença e a acção de Jesus foram decisivas para que aquela festa de núpcias não ficasse comprometida. A intervenção de Jesus foi solicitada por Maria, a mãe sempre atenta e cuidadosa que aponta o critério decisivo: «Fazei o que Ele vos disser». Mas também a prontidão do chefe de mesa e dos serventes e a sua docilidade à indicação de Maria e às palavras de Jesus foram indispensáveis para que o milagre pudesse ocorrer: a água transformar-se em vinho. Só com Jesus que a festa adquire todo o seu significado: Ele é o verdadeiro noivo que nos convida para a festa da nova aliança onde há o vinho bom e abundante.

Nunca como hoje o mundo teve ao seu dispor uma tão grande variedade de meios, desde as novas tecnologias aos bens de consumo de toda a ordem. Nunca como hoje teve diante de si uma tal multiplicidade de oportunidades e escolhas. Paradoxalmente é um mundo onde abundam sinais de destruição e desperdício, onde existe medo e desespero, onde alguns até perderam o gosto e a alegria de viver. Por vezes parece que «de facto já não têm vinho, só água», porque sem Deus a vida dos homens arrisca-se a perder as razões da alegria, os fundamentos para uma esperança verdadeira. Como nos ensina Maria no Evangelho, para reencontrar o sentido da esperança e da alegria, importa pôr-se à escuta do Senhor para saber o que Ele nos diz e estar disponível para o pôr em prática. Porque a janela de esperança que Deus nos abre não dispensa a nossa oração e a nossa acção. Para que o nosso futuro pessoal e colectivo seja mais radioso pedimos a Deus que nos livre do mal e contamos com o auxílio de Maria. Mas o compromisso de fazer o bem no nosso quotidiano é essencial para que a esperança seja legítima. Um presente vivido com fé viva, operante e comprometida aproxima-nos da janela de esperança que Deus nos abre; um presente, vivido de costas voltadas para Deus ou para os irmãos, afasta-nos da sua luz e compromete a esperança.

Nesse sentido o Papa Francisco, na recente exortação sobre a santidade no mundo actual, Gaudete et

Exultate - Alegrai-vos e exultai, sublinha que a vida cristã é luta, vigilância e discernimento. Primeiro, é luta que exige «força e coragem para resistir às tentações do demónio e anunciar o Evangelho»; luta não só contra uma mentalidade mundana que nos toma medíocres ou contra as nossas próprias fraquezas mas contra o espírito do mal que envenena os nossos corações (GE, 158). Depois é vigilância que não nos deixa adormecer ou distrair, nem cair na tibieza ou perder a confiança de que é possível vencer o mal. Em terceiro lugar, é discernimento indispensável para saber, no meio de tantas modas e novidades, se isso «é o vinho novo que vem de Deus ou uma novidade enganadora do espírito do mundo» (GE, 168).

Em Fátima, Maria, auxílio dos cristãos, acolhe-nos com a sua ternura maternal, renova a nossa fé para vencer os males que existem em nós ou à nossa volta e dá-nos um espírito de paz e de alegria. Ela é a mãe «que caminha connosco, luta connosco e nos aproxima do amor de Deus» (EG, 286). Que Nossa Senhora de Fátima abençoe e proteja a todos vós peregrinos deste santuário, bem como às vossas famílias e ainda todos aqueles que nos acompanham em todo o mundo. O seu conforto chegue aos doentes e a todos os que sofrem e no seu manto de luz sejam aconchegados todos os homens.